

A mulher

Recebido em 27-06-2015
Aceito para publicação em 19-02-2016

Carine Ueda de Carvalho¹

232

Sentia o cheiro de sangue, o gosto dele descendo pela garganta, meus músculos doíam, me seguravam como se estivesse paralisada, minha respiração ardia, ouvia o choro da minha mãe, os gritos dela. Logo que a escuridão chegou, o som das sirenes lentamente aumentava, chegando cada vez mais perto, até eu poder ouvir a voz deles, alta, entrando pela sala, espalhando pela cozinha e quartos. Essa foi a última vez que vi a Anne Frost.

Suas palavras esgueiravam pela sala.

Uma mulher magra, mal se podia ver pelo rosto que idade tinha, muitas cicatrizes por todo o corpo, que já não via o que se escondia por trás de tanta deformidade. Acomodada como se o sofá fosse feito sob medida para seu corpo; um sofá revestido com um veludo que confortava a pele e parecia lhe fazer carinho, daqueles divãs de psicólogos, branco, com um braço em espiral e o encosto que se ondulava até onde acabava o sofá. Uma saleta muito bem aproveitada, os livros nas estantes combinavam com o escritório; na mesa, muitas folhas e pastas, um porta-retratos e uma placa escrito: “Psicóloga Dra. Marta Van Der Woodsen”. A psicóloga entrava sempre de fininho, sem deixar que o som atordoasse a paciente; sentava ao lado do sofá, ela sentia muito apreço pela mulher. A coitada já havia passado por muitos pesadelos, e a única forma que lhe restava para ajudá-la era sempre poder reservar um tempo para ouvir as histórias que a pobre senhora tinha a contar, mesmo que este fosse seu trabalho. Havia dois anos que a senhora se consultava lá, desde que

¹ Acadêmica do curso de Letras, na Universidade Federal de Alfenas. Alfenas, Brasil. E-mail: carineueda@gmail.com

Marta abriu seu próprio consultório, aos vinte e nove anos. A mulher sem rosto, todos os dias, da mesma maneira, começava a contar.

– Havia muitas noites que a insônia me tomava, eu rolava, gritava, fazia de tudo possível. As noites eram longas, mas, depois de um tempo, meus olhos fechavam por dez minutos e eu acordava bem, praticamente normal. Tentei relaxar com todos os relatórios do trabalho, com todos os livros da faculdade, o tempo era mínimo e nem se quer tinha tempo para respirar. Minha mãe trazia chá e tentava me acalmar, fazer dormir ou até mesmo conversar, porém, quase nunca a ouvia, sua voz era sempre muito calma, quase desaparecia, misturava no ar, mesmo assim captava algumas frases: ela dizia para eu me cuidar, deixar um pouco a aparência de lado, já que eu tinha obsessão muito grande, na época dizia fascinação... Hoje sei o quanto isso me consumiu. Mamãe também dizia para eu procurar um psicólogo, cheguei a pensar que ela precisava de um, ao invés de se torturar com a vida que eu levava.

Na última semana de repouso que tive, por causa da cirurgia que fiz, não tinha nada de errado com a minha saúde, só achava que precisava de um pouco mais de perfeição. Já tinha aumentado os seios e tirado toda a gordura que me deixava aparentar malcuidada, reduzi o nariz, aumentei os lábios. Nunca fui uma pessoa feia, mas, depois das cirurgias, era perfeita. Mantive a alimentação controlada desde os quinze anos, e ia à academia todos os dias, era saudável, arrumava tempo para fazer tudo de que precisava; era linda, bem-sucedida e inteligente, mas nunca bastou, precisava de ainda mais beleza.

Logo depois desses dias de repouso, eu a conheci, na viagem de volta para minha cidade. Parecia uma modelo, cabelos longos caíam no discreto terno branco, um colar com uma pequena pedra encaixava no decote de sua blusa azul marinho, a pele tão limpa que nem precisava de maquiagem. Identifiquei-me com ela, imediatamente, ela era o sinônimo de perfeição. Havia somente mais quatro pessoas em bancos distintos no ônibus, e ela sentou ao meu lado, parecia que tinha me escolhido. Então, começamos a conversar, ela contou que trabalhava muito, levava contratos, ajustes, acordamentos, rescisões de um lado para outro. Quando seu chefe não podia atender a um cliente, ela mesma fazia tudo o que fosse necessário. Era a que conhecia todas as ações da empresa e fazia todos os serviços burocráticos; parecia até ser dona de tudo, e assim se sentia. Seu chefe confiava-lhe todas as

coisas que tinha, desde os compromissos, até a conta bancária, quem ela manteria na empresa e com que outras empresas fechariam negócios. O emprego dela determinava que viajasse muito e fosse muito aberta a conhecer novas pessoas. Eu admirei como ela podia persuadir e conquistar tão fácil a todos, era a mulher mais linda e inteligente que havia conhecido. E, após esse dia, nos encontramos muitas outras vezes em outras viagens. Assim, começou a nossa amizade, nos encontrávamos e ficávamos horas e horas conversando, às vezes, até por telefone. Todos os dias, surgiam novas histórias, ou novos acontecimentos que resultavam em noites de conversa, o que me ajudava com a insônia: não me frustrava ter com quem conversar quando não conseguia dormir. Minha mãe reclamava sobre eu falar demais, parecia duas em uma, foi quando resolvi morar sozinha, mas mamãe nunca deixou de me visitar.

Depois de quase dois anos com noites infinitas de conversas, resolvemos abrir um negócio juntas. Eu propus de beleza, e ela refutou essa ideia, pois não entendia nada sobre esse assunto, já que nunca teve vontade de alterar alguma coisa em seu corpo. Mas decidimos que eu cuidaria da montagem do lugar e do que teria nesse novo negócio. Ela cuidou da burocracia, e de quais alvos de pessoas nós queríamos agradar. Não foi difícil conseguir o dinheiro, minha conta era bem sadia, e ela, fora suas economias, conseguia o que quisesse com seu chefe. Encontramos o lugar perfeito e começamos o maior SPA que o estado tinha visto: tinha de tudo para tornar pessoas, como eu e ela, perfeitas, ou ainda mais. O nome não foi muito difícil de escolher, a junção de nomes renomados do estado daria uma grande primeira impressão, ela Anne Frost, e eu Catherine Johnson. O SPA Johnson & Frost logo produziu muito lucro, diante do sucesso que fez. As sociedades que a empresa onde ela trabalhava tinha fizeram o negócio surtir efeito muito rápido, as mulheres dos grandes empresários, as filhas, as amigas, todas as mulheres da alta sociedade tornaram-se nossas clientes mais frequentes.

Enquanto eu lia os novos currículos, Anne entrou na minha sala, pisando forte e decidida, o salto sempre ecoava seus passos, muitos temiam seu andar firme, parecia sempre estar em uma missão, sempre muito certa de onde pisava. Então seus pés pararam de ecoar.

– Precisamos selecionar algumas mulheres para entrar na nossa elite –. Ela falou muito baixo, mas bem claro, para que eu entendesse. Meu problema não foi ouvi-la, mas entender o que quis dizer.

Como se fôssemos entrar num clube secreto, ou investigar a vida de alguém, esgueiramos pelas cidades, vendo e conversando sobre as nossas clientes mais fiéis. E, realmente, íamos investigar a vida de alguém, e era dessas mulheres. Anne já sabia todas que queria nessa união, Anne sempre dizia algo sobre beleza e realza. Batemos na porta de Alicia Morgan, primeira cliente, ia ao SPA Johnson & Frost todos os fins de semana. Ela explicou o que pretendia fazer, criar um clube com as mulheres mais influentes do estado, um clube secreto. Fiz ainda uma piada sobre o “Dead Poets Society”, e perguntei se íamos ler poemas em encontros secretos pela floresta. Alicia parecia nunca ter visto esse filme. E Anne sorriu e disse ter uma ideia; hoje vejo que a ideia já estava pronta. Alicia aceitou e chamou algumas de sua família para participar. Anne e Alicia se conheceram no final do verão desse ano, descobriram que eram parentes distantes.

Assim a sociedade começou. Todas as quarenta mulheres mais poderosas de New York revelavam seus desejos oprimidos, os segredos, os trambiques e tudo o que fizeram para se tornarem poderosas. Alicia foi a primeira a entregar toda a história da vida dela, ainda no primeiro encontro. Essa foi a última vez que vi Alicia Morgan.

No vigésimo encontro, Lauren Harper, uma das cinco mais ricas, loira da pele mais branca que podia haver, as suas mãos pareciam que nunca tinham tocado em nada, os cabelos já esbranquiçados mexiam com leveza junto aos seus movimentos finos. Numa das reuniões, contou o que tinha feito para conseguir chegar à riqueza, que na sua infância não era da alta burguesia, mas a conhecia bem: a família dela vinha de um caso de seu pai, Anthony Harper, com a prima de classe média Madeleine Evans. Esse relacionamento gerou muita discussão na família, mas os avós Harper nunca lhe deram chance de mostrar que seria digna de participar da elite Harper; sua avó Rosie Harper, a mais velha, nunca admitiu que seu filho se envolvesse com mulheres de classe mais baixa que a dele. Mesmo sendo de parentesco muito próximo, era absurdo para Rosie casar-se com uma filha de seu irmão malsucedido, que escolhera alguém sem pensar nos bens que o nome de sua cunhada poderia trazer.

Rosie Harper foi a primeira que Lauren matou, logo, foi toda sua sucessão, acidentes nunca solucionados, até que toda a herança da família chegasse às mãos ensanguentadas de Lauren. Essa foi a última vez que vi Lauren.

Depois de cinco anos fazendo parte dessa união de mulheres, comecei a me sentir pressionada. Anne Johnson havia contado em um dos encontros que havia matado Lauren; porque Anne era uma das sucessoras de Rosie Harper, que teve que viver na miséria com sua mãe por muito tempo para que não fossem assassinadas como o resto de sua família, e que veio até aqui para vingar e recuperar o que havia perdido para Lauren. Todas apoiaram e aplaudiam.

Restavam treze mulheres na sociedade, as treze mais ricas, as doze mais assassinas, porque eu não era assassina, eu era sortuda e trabalhadora, tudo que consegui foi por trabalho meu. Pelo menos achava que era, enquanto elas estavam fazendo uma chacina entre si, e pensava se um dia seria eu. Anne estava procurando sua próxima caça. Eu sinto falta de Anne Frost, ela sabia o que fazer.

Catherine sentou-se, era o sinal de que a história acabara, então, a psicóloga finalizou a conversa. A mulher saía da sala, a psicóloga parava de gravar, guardava a fita e as anotações numa pasta grande e grossa. A pasta preta era guardada dentro de um armário com chave, onde havia mais outras vinte pastas. Era sua rotina com a senhora.

Os anos passavam, a mulher deitava-se na mesma posição, dobrava seus braços enrugados sobre o abdômen, fechava os olhos e começava a contar...

– Havia muitas noites que a insônia me tomava, eu rolava, gritava, fazia de tudo...

– Já me contou isso ontem, Senhora –. Marta a interrompeu.

– Sim, contei, mas não contei a parte da moça Sophie Brandon.

– Sophie Brandon? Quem é esta –? Uma pessoa nova não aparecia há um ano. Dentro da mesma história, ela contou.

– Essa era uma mulher muito bonita, tinha frieza nos olhos, filha de uma sucessão de uma família nobre, nunca viu pobreza, nunca soube o que era ser pobre.

Sophie contava sempre a mesma história nos encontros, começava e terminava igual, nada que nos surpreendia, até que um dia ela revelou-se. A mãe de Sophie, Ellen Brandon, casou-se com seu pai muito jovem, tinha apenas dezessete anos, e foi forçada pelos pais, pois um homem nobre querer uma moça da alta burguesia, linda e muito jovem era normal, ainda mais quando dinheiro era mais importante que qualquer sentimento. Desde criança, via sua mãe sofrer os abusos do pai, nunca recebera uma irmã ou irmão. Ouvia em certo horário do dia os gritos e choros da mãe. Menos certo dia que não se ouvia choro nem grito, Sophie resolveu espiar pela fechadura, e viu sua mãe quase imóvel, pálida, seu pai por cima de seu corpo gélido, segurava o magro pescoço da mãe, parecia em qualquer instante que a quebraria, foi quando ouviu seu último suspiro, o seu nome, Sophie. Depois da morte da mãe, quem sofria os abusos era ela, todos os dias, um pior que o outro, sua dor não bastava, o pai queria ver o sangue escorrer, o grito abafar os ouvidos, o choro molhar o rosto. Sophie sofria não por passar por isso, ela sempre viu a mãe no lugar dela, não era de espantar esse ato. Ela sofria porque conheceu o amor, já tinha sentido o amor de um homem, que cuidou e tomou seu corpo com carinho; suas lágrimas saíam de lembrar-se dele.

Uma semana depois da morte da sua mãe, Nagel Brandon entrou em seu quarto e a viu de amores com o filho da empregada, Josh, o único amor que lhe restara. Nagel o agarrou, levou para um canto, amarrou suas mãos, de frente para a janela, para que todos pudessem ver. Amarrou sua filha na cama, para que ela visse e presenciasse toda a cena. Ele, sem pudor, estuprou Josh, depois o sufocou até a morte, até que os batimentos de seu coração não poderiam ser sentidos mais em suas mãos. Assim que terminara com Josh, partiu para cima de sua filha, e a machucou como nunca havia feito. A roupa de cama e as cortinas não tinham mais um pedaço branco, o quarto não tinha mais luz, não havia mais vida. A empregada tirou seu filho, levou-o para fora, voltou para pegar Sophie que ainda respirava, e cuidou dela, por um ano, enquanto recuperava as forças.

Quando ela voltou, seu pai já havia casado com outra jovem. Com ajuda da empregada, dopou o pai: com ele adormecido o amarrou como amarrara o seu jovem amado, esperou

que acordasse, e assim que o pai abriu os olhos, desesperado, viu sua filha pronta para fazê-lo pagar, e pela primeira vez Sophie pôde ver medo naqueles olhos de morte. Ela cortou parte por parte de seu corpo, e ele viveu até sentir o gelo da faca entrando no coração, a última coisa que viu foi o prazer nos olhos de Sophie. Ela saiu, matou a nova esposa com uma punhalada só. A empregada entregou-se em seu lugar, e logo morreu em seu leito de sono, em paz, pela vingança em nome do seu filho. Sophie retornou duas semanas depois, tomando toda a sua fortuna. Mais um caso que nunca fora solucionado. Essa foi a última vez que vi Sophie Brandon.

A psicóloga terminou a sessão e guardou mais uma pasta, essa completava a trigésima oitava, que fora rotulada Sophie Brandon. Mais um ano, a psicóloga esperava por mais uma nova personagem, uma nova história. A senhora contava, recontava, colocava novos detalhes, esquecia outros; ela chorava e, às vezes, gritava. Mas sempre dizia no final:

– Eu sinto falta da Anne Frost, ela sabia o que fazer.

Marta Van Der Woodsen chegou com muita esperança no consultório, no dia de seu trigésimo nono aniversário, havia conseguido, finalmente, adotar uma criança, queria fazer a alguém como fizeram com ela, era seu dia mais feliz. Enquanto entrava para sua sala, esperava que sua paciente já estivesse deitada como de costume, mas não estava. Tinha apenas uma carta destinada a ela. Ela abriu o envelope e começou a ler.

Cara Psicóloga Marta Van Der Woodsen,

Obrigada por passar esses anos todos me ouvindo, minha velhice não me permite encontrar novas amigas, todas já se foram há muito tempo, lembro-me delas frescas na memória. Você é a única que sobrou disposta a ouvir meus pesadelos. Quem mais ficaria além do horário de atendimento para ouvir uma velha resmungar?

Mas ainda falta uma história, que percebi não ter te contado nos últimos encontros, e é a última de que minha memória permite me lembrar. Acho que já deve saber que falta alguém para lhe contar. Aquela mesma, a de que mais sinto falta, aquela que, muito mais que amiga, havia se tornado parte de mim, ou se desmembrado de mim.

Desde que a conheci, nunca mais fui a mesma, nunca mais fui eu mesma, revoltava-me não ser ela, todos a amavam e a admiravam, éramos sócias, mas ela parecia ser mais dona que eu. Todos viam mais ela do que a mim, todos aplaudiam quando ouviam sua voz; se ela quisesse, podia fazer todos se ajoelharem só ao sentirem o tremor de seu andar. Eu sempre estava atrás, esperando minha deixa, de esguio, de lado.

Não me admirou quando contou a sua história, restáramos só nós duas da sociedade. E ela começou.

Quando muito jovem via todas as famílias se matando, torturando umas às outras por dinheiro, elas se relacionavam entre si para manter a elite, a alta sociedade intacta, mas ela era dessa elite, a mais forte, sua família teve grande frutos como Rosie Harper e Nagel Brandon. Mas nenhum desses era digno de viver na riqueza, viver do trabalho que a família primordial de puro sangue, que nasceram, cresceram e mataram friamente para manter toda a riqueza. Ela, a mãe e a vó foram excluídas dos direitos, pelos jogos de manipulação e trapaça da família. Não importava o que era certo, mas o que era dela por direito. Foi criada pela avó e mãe para a vingança.

Ela foi, durante anos, matando, e herdando cada centavo que era dela, as trinta e oito mulheres foram pagando pelo que as famílias delas fizeram, e da forma que fizeram, a vingança era seu prato preferido, só isso a satisfazia. E foi assim, matou a família de Lauren em um acidente, a Sophie em uma emboscada num beco, esquartejada, cada uma da forma que contaram nas histórias, nenhum teve nunca solução, nem mesmo conexão entre si.

A sociedade permaneceu secreta, a herança foi toda para Anne, pois alegou ser a única descendente de toda a nobre família, tudo passou a pertencer a sua linhagem.

Depois que me contou, não pude me conter, essa insanidade por dinheiro já tinha passado dos limites, descobri que ela matou todas aquelas mulheres por puro prazer de vingança e ganância. E a nossa discussão não foi pouca, eu fiquei assustada e não sabia o que tinha a ver a respeito disso tudo. Logo, toda a vizinhança ouvia nossos gritos e toda nossa briga, sons fortes nas paredes, coisas quebrando, por alguns segundos era possível ouvir a pele se rasgando.

Eu sentia cada corte, sentia minha pele abrir e o sangue escorrer, o cansaço me esgotou, estava estirada ao chão, praticamente imóvel.

Sentia o cheiro de sangue, o gosto dele descendo pela garganta, meus músculos doíam, me seguravam como se estivesse paralisada, minha respiração ardia, ouvia o choro da minha mãe, os gritos dela. Logo que a escuridão chegou, o som das sirenes lentamente aumentava, chegando cada vez mais perto, até eu poder ouvir a voz deles, alta, entrando pela sala, espalhando pela cozinha e quartos. Essa foi a última vez que vi a Anne Frost.

Não fui culpada pelo crime, meu corpo foi o único que acharam, e a arma do crime nunca encontraram, mas isso fui eu quem escondeu antes que alguém chegasse, era a única lembrança real que eu tinha dela, a arma com a qual a matei.

A certa altura deve-se perguntar qual era a minha relação com ela, eu, mera mulher comum, de apenas trinta e nove anos, pronta para dar à luz, pude descobrir através de você, quando você veio. E agradeço por me ajudar a perceber tudo o que fiz. Por isso, devo partir, para viver os meus últimos dias como deveria ter vivido antes de entrar nessa obsessão. E o segredo é: nunca houve quarenta mulheres. No dia em que matei Anne, a perfeita, descobri quem ela era, ou o que eu era.

Espero que resolva os problemas de sua infância sem mãe, e peço perdão por isso. Que essa noite você brinde à trigésima nona pasta.

Anne Catherine Johnson Frost

Havia dentro do envelope um documento, herança de milhares de imóveis e uma fortuna inquestionável; a psicóloga segurou uma foto antiga, que estava junto com a carta: a mesma foto de seu porta-retratos.